



A RELAÇÃO ENTRE A IDENTIDADE PESSOAL E A PROFISSIONAL

Claudiane Pinto Dias de Jesus – Universidade Federal do Maranhão
(claupidi111@gmail.com)

Maria Alice Melo – Universidade Federal do Maranhão
(ma.melo@terra.com.br)

E-mail para contato: claupidi111@gmail.com

DOI: 10.5281/zenodo.7606733

Eixo Temático: Formação de Professores

RESUMO

Este trabalho compõe parte de uma pesquisa de mestrado em educação, insere-se na linha de pesquisa Instituições Educativas, Currículo, Formação e Trabalho Docente intitulada: PROFESSORAS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DAS ESCOLAS COMUNITÁRIAS: a trajetória pessoal e a construção da identidade profissional. Para o desenvolvimento da pesquisa foram considerados os seguintes eixos temáticos: a formação inicial, a trajetória pessoal e a identidade profissional do professor. O objeto de investigação deste estudo é a identidade do professor da escola comunitária, considerando a trajetória pessoal como elemento primordial para a construção da sua identidade profissional. Como problema de pesquisa tivemos o seguinte: qual a relação entre a trajetória pessoal e a formação acadêmica, de que maneira essa relação contribui para a construção da identidade profissional das professoras das escolas comunitárias? O objetivo geral do estudo desenvolvido foi: “Analisar a relação entre trajetória pessoal e o processo de formação inicial das professoras das escolas comunitárias e em que medida essa relação contribuiu para a construção da identidade profissional”. Neste trabalho buscou-se apresentar os principais conceitos relacionados a identidade pessoal, profissional e social a partir de estudo bibliográfico que teve como base a contribuição de autores como: Ciampa (1987- 1989), Bauman (2005), Nóvoa (1995), Erikson (1976) entre outros. A partir da análise do pensamento destes autores, foi possível concluir que a identidade do sujeito está em constante processo de construção sem possibilidades de finalização, a identidade profissional do sujeito está diretamente relacionada a sua identidade pessoal e deste modo a sua identidade social será o resultado das duas, ou seja como esse sujeito é visto na sociedade.

Palavras-chave: Identidade; Identidade Profissional; Identidade Pessoal.



1. INTRODUÇÃO

O presente estudo integra uma pesquisa realizada no curso de pós-graduação em educação e insere-se na linha de pesquisa Instituições Educativas, Currículo, Formação e Trabalho Docente intitulada: PROFESSORAS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DAS ESCOLAS COMUNITÁRIAS: a trajetória pessoal e a construção da identidade profissional. A pesquisa objetivou “analisar a relação entre trajetória pessoal e o processo de formação inicial das professoras das escolas comunitárias e em que medida essa relação contribuiu para a construção da identidade profissional” de professoras que atuam em escolas comunitárias de uma instituição educacional de um dos quatro municípios que integram a Grande São Luís.

Optou-se como locus de pesquisa a escola comunitária justamente por compreender que a identidade dessas professoras está diretamente relacionadas as suas experiências e ao próprio sentimento de pertencimento ao local, a escolha por desenvolverem atividades nesses espaços comunitários, acaba por se entrelaçar com suas próprias histórias de vida.

A formação do professor não se detém apenas a esferas acadêmicas, como qualquer outro profissional os elementos da trajetória pessoal são fatores que colaboram para esta formação. Investigar a temática “identidade do professor” nos auxilia na compreensão da trama dos elementos constitutivos da profissão bem como as motivações por vezes até pessoais que levaram um indivíduo a enveredar pelo caminho da docência. O professor deve ser lembrado não só como o profissional revestido de técnica que é “detentor” do conhecimento, “o professor é uma pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor” como bem lembrou Antônio Nóvoa (1992, p. 15). Como qualquer outro profissional, o professor é em primeiro lugar um ser humano dotado de erros e acertos e que está suscetível a falhas. Intuímos que a opção pela docência está permeada de razões pessoais, por consequência, esta “opção” é fruto das experiências individuais de cada sujeito.

Abordar uma temática como esta na atualidade é uma proposta um tanto complexa, tendo em vista que as sociedades pós-modernas são marcadas pelo grande volume de informações diárias, pela velocidade e pela falta de tempo dos indivíduos que as constituem, tendo como efeito inevitável um constante processo de transformação,



atualmente, por exemplo, vivenciamos períodos difíceis de adaptação a uma nova realidade.

Neste trabalho apresentaremos alguns conceitos relacionados à identidade pessoal, social e profissional. Todas as pessoas possuem uma identidade e se identificam (ou não) com os grupos aos quais pertencem, com maneiras de agir e pensar que sem dúvidas influenciam na formação do “eu”. Uma pessoa não pode ser “separada” dela mesma, por esta razão as “identidades” se relacionam e se influenciam mutuamente, transformando-se constantemente e se adequando as mais diversas situações. O “eu” está em um processo de metamorfose constante, segundo o psicanalista Erik Homburger Erikson (1976) o “Eu é nada menos do que a garantia verbal segundo a qual eu sinto que sou o centro da percepção consciente de um mundo de experiência em que possuo uma identidade coerente e que estou na posse de minha lucidez, apto a dizer o que vejo e penso” (p. 221). Nessa perspectiva de processo não finalizado e em mudança contínua, trataremos não de identidade e sim de identidade(s) como aspecto não completo e mutável.

2. A INCOMPLETUDE E A MUTABILIDADE DA IDENTIDADE

A identidade é mutável e está em constante transformação, esta perspectiva é claramente defendida por Dubar (2006), quando afirma que “a identidade não é aquilo que permanece necessariamente idêntico, mas o resultado duma identificação contingente [...]. É o resultado duma dupla operação linguística: diferenciação e generalização” (p.8). A diferenciação contempla a singularidade de algo ou alguém, aquilo que o torna único em relação a qualquer outra coisa ou a outro alguém, ou seja, a identidade é a diferença. A generalização busca o ponto em comum a uma classe de elementos todos diferentes dum outro mesmo, neste caso, a identidade é pertença comum (ibid, p.9). A diferença e a generalização estão no paradoxo da identidade, ou seja, aquilo que existe de único e o que é partilhado.

As sociedades passam por diversas transformações e são resultados de um longo movimento histórico e os efeitos dessas mudanças no ritmo frenético em que ocorrem permite que se afirme que o homem não é mais o mesmo e as suas necessidades se “renovam” a cada dia e o processo de globalização faz com que as culturas de diferentes grupos se influenciem mutuamente, o “eu” é constantemente “convidado” a adotar



posturas de acordo com a conveniência de situações diversas produzindo novos “eus”, uma vez que, “as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela” (CIAMPA, 1987, p. 127), ou seja, a identidade nesta perspectiva não é algo permanente e estável, portanto, seria uma espécie de “convenção social”, devendo ser “renovada” e aprimorada de acordo com a necessidade de cada situação, quase como um objetivo, um propósito, cuja realização plena não seria possível haja vista a sua incompletude, ou seja, algo além de um fator predefinido, Erickson (1976) acrescenta que “a identidade nunca é “estabelecida” como uma “realização” na forma de uma armadura da personalidade ou de qualquer coisa estática e imutável” (p. 22).

A própria sociedade é mutável, logo, as pessoas estão sempre em processo de mudança, o “eu” passa por um processo de interação com o outro, o “eu” busca de certo modo a aprovação do outro, a identidade pessoal acaba sendo em parte o resultado da percepção do outro em relação a mim, a identidade social influencia na pessoal, pois vivemos em grupos sociais onde regras existem e numa espécie de consenso geral são de algum modo respeitadas para que haja um bom convívio. As experiências pessoais e o modo como a sociedade enxerga os indivíduos influenciam na sua identidade profissional, que por sua vez tenta atender as expectativas sociais.

3. A IDENTIDADE SOCIAL, PESSOAL E PROFISSIONAL: UM “QUEBRA-CABEÇA” INCOMPLETO

Cada nova situação exige a necessidade de adaptação por parte do indivíduo, Dubar (2006) defende a existência de identidades pessoais, várias maneiras de se auto identificar e identificar o outro, isto é, “várias maneiras de construir identificações de si próprio e dos vários modos de construção da subjetividade, ao mesmo tempo social e psíquica, que podem ser muitas combinações de formas identitárias inicialmente definidas” (p. 149), as bases da formação do “eu” repousam em estruturas sociais preexistentes, ou seja, da interação com os pares.

Em seus textos, Galindo (2004) destaca que “a identidade pessoal é construída pela autopercepção, enquanto a identidade social é construída pela percepção que os outros têm do sujeito” (p. 15). A identidade pessoal não é um processo individual,



CAPÍTULO I II CONGRESSO AMAZONENSE DE EDUCAÇÃO 2022



singular e unilateral e que as relações sociais estabelecidas desde muito cedo são fundamentais na sua formação.

A identidade profissional, de certo modo compõe a identidade social de um indivíduo, pois, para Dubar (2006) “as identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego” (p. 85). Assim como ocorre com a identidade pessoal, o indivíduo pode assumir diversas identidades profissionais ao longo da vida, podendo identificar-se mais com determinada profissão em relação à outra, esse processo faz parte da própria construção do sujeito. Nesse sentido, podemos afirmar que “A identidade profissional não é uma identidade estável, inerente, ou fixa” (MARCELO, 2009, p. 112). A escolha de uma profissão é uma importante decisão, pois também faz parte da constituição da identidade de alguém, ou seja, “escolher” significa (em parte) “eliminar outras possibilidades” (HUBERMAN, 1995).

Ao escolher determinada profissão, o indivíduo acaba criando expectativas em torno da carreira escolhida, são elas: valorização da profissão, remuneração justa, condições de trabalhos dignas, satisfação pessoal, benefício e prestígio social. Sabe-se que não é de hoje que tais expectativas contrastam com a realidade dos profissionais que exercem a docência, tendo em vista que a profissão em questão não é uma das mais valorizadas e a situação se mostra cada vez pior se considerarmos a atual estrutura política, a discussão em torno da desvalorização do professor é crescente, os baixos salários, as péssimas condições de trabalho e a falta de políticas públicas educacionais que visem à valorização destes profissionais são pauta de inúmeros eventos da área.

Nóvoa (1995) afirma que tentar encontrar respostas para compreender os motivos que levam um indivíduo a enveredar pelos caminhos da docência, seria uma longa tarefa, por esta razão opta por mencionar o três AAA que sustentam o processo identitário dos professores: A de adesão A de ação e A de Autoconsciência, o autor se dedica a esmiuçar melhor cada “A” por ele mencionado:

A de Adesão, por que ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores, a adopção de projectos, um investimento positivo nas potencialidades das crianças e dos jovens; A de Ação, porque também aqui, na escolha das melhores maneiras de agir, se jogam decisões do foro profissional e do foro pessoal [...]; A de Autoconsciência, porque em última análise tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre sua própria acção [...] (NÓVOA, 1995, p. 16).



CAPÍTULO I II CONGRESSO AMAZONENSE DE EDUCAÇÃO 2022



No que se refere à identidade, o autor considera que esta não é um dado adquirido, não é uma propriedade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão (NÓVOA, 1995). Mais que escolher ser professor é ter a consciência de que apesar de todas as dificuldades encontradas ao longo do percurso, tomar a decisão de permanecer na profissão, é ainda mais desafiador, no caso da identidade profissional, o autor acredita ser mais adequado falar em “processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor” (ibid, p. 16). Com esta afirmação, o autor revela que a maneira com que cada um de nós ensina e se posiciona em sala de aula está diretamente ligado à nossa constituição enquanto pessoas, logo, pessoal e profissional estão entrelaçados ao ser e ao ensinar, ou seja, ao “eu pessoa” e ao “eu professor”, pois é impossível separar uma pessoa dela mesma.

A decisão de tornar-se professor não é oriunda do “vazio”, nesse sentido Pimenta (1999) afirma:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor” (PIMENTA, 1999, p. 19).

Antes de qualquer outra coisa é válido ressaltar que o professor não é apenas um profissional ele é uma pessoa, que possui expectativas, emoções, que é um sujeito reflexivo, que comete erros, que também acerta, que tem uma história, que viveu experiências que são próprias da sua cultura, sua prática em sala de aula não tem como ser neutra porque o próprio professor não é, esta prática querendo ou não vai estar impregnada de seus próprios conceitos e da sua concepção de mundo, de homem e de sociedade, nesse sentido Nóvoa (1992) atenta para o fato de que o professor é uma pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor e que é imprescindível “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida” (p.13).



O ser professor consegue transcender o desprestígio social e o baixo atrativo econômico, o trabalho do professor se desenvolve entre quatro paredes tendo como plateia apenas seus alunos, este profissional cumpre um importante papel social. O tornar-se professor deveria ter um caráter não puramente acadêmico e formalizado pela frequência dos indivíduos em instituições de educação superior, o tornar-se professor deveria estar intimamente ligado ao desejo pela construção da relação professor-aluno, ao convívio do cotidiano da sala de aula, ao interesse pela educação como instrumento de mudança, “ninguém se tornará profissional apenas porque “sabe sobre” os problemas da profissão por ter estudado algumas teorias a respeito. Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional” (FÁVERO, 1996, p 65).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos eventos sociais que vem ocorrendo nos dois últimos anos, a discussão a respeito da identidade do professor e os impactos na sua identidade profissional é necessária. Considerando o professor não só como um profissional da educação e sim como uma pessoa que influencia e é influenciada pelo meio no qual está inserido.

A capacidade de adaptação do ser humano é muito grande ainda que o ritmo frenético da sociedade obrigue cada vez mais que esse processo ocorra de maneira cada dia mais rápido.

A identidade conforme discorremos anteriormente é um processo incompleto, o “eu” é influenciado pelo meio, e o meio influencia nas escolhas e práticas pessoais através das experiências vivenciadas diariamente.

No que se refere aos professores das escolas comunitárias, percebe-se que suas experiências profissionais estão de algum modo ligados as suas próprias experiências de vida, suas origens. Suas práticas, suas concepções acabam por revelar um desejo de transformação de realidades que em algum momento se assemelharam com as suas, demonstrando assim que a identidade pessoal não pode ser separada da profissional, tendo em vista que o “eu” não pode separar-se de si mesmo.



REFERÊNCIAS

CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DUBAR. Claude. A crise das identidades: a interpretação de uma mutação. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Ed. EDUSP, 2006.

ERIKSON, Erik Homburguer. Identidade Juventude e Crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda. (Org.). Formação de professores: pensar e fazer. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 53-88.

GALINDO, W. C. M. A construção da identidade profissional docente. Psicologia: Ciência e Profissão, v.24, n. 2, p. 14-23, 2004.

GALVÃO, Tiago Rodrigues. A importância da educação profissional e tecnológica no crescimento econômico do Brasil. 2021. <https://amazonlivejournal.com/a-importancia-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-crescimento-economico-do-brasil/>

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 31-61.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 13/07/2021.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. IN: NÓVOA, António. (coord.) Os professores e a sua formação. Portugal: Publicações dom Quixote/ Instituto de Inovação Educacional, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, p. 15-34, 1999.